

GERONTOLOGIA EDUCACIONAL: UMA DIDÁTICA PARA OS IDOSOS

Márcia Mendes Marquez de Oliveira¹
Mirza Seabra Toschi²

RESUMO: A pesquisa objetiva compreender o sujeito idoso na sociedade atual e a possibilidade de ofertar uma formação voltada ao público idoso. As investigações buscam responder: Quais as possibilidades de oferta de formação existentes no universo do idoso, que lhe permitem uma melhor apropriação dos recursos tecnológicos? A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica baseada em estudos de autores como: Association for Gerontology in Higher Education (2000), Pimenta e Anastasiou (2010), Severino (1989), Lima (2000), Cachioni (2002), Libâneo (1990), dentre outros. Apesar de serem incipientes os estudos da didática voltados para o atendimento ao idoso, as investigações realizadas na Gerontologia educacional apontam para uso da didática e suas metodologias.

Palavras-chave: Idoso. Gerontologia Educacional. Formação.

ABSTRACT: The research aims to understand the older individual in today's society and the possibility of offering oriented training elderly public. Investigations seek to answer: What are the existing provisions of training opportunities in the elderly of the universe, allowing you to better ownership of technological resources? The methodology was based on literature authors of studies as Aghe (2000), Pimenta and Anastasiou (2010), Severino (1989), Lima (2000), Cachioni (2002), Libâneo (1990), among others. Despite being incipient the didactics of studies focused on the care for the elderly, the investigations carried out in educational gerontology point for use of didactic and their methodologies.

Keywords: Elderly. Educational Gerontology. Formation.

1 INTRODUÇÃO

A evolução e o progresso da sociedade atual revelam situações contraditórias referentes ao envelhecimento, haja vista que esta etapa da vida ainda carrega estereótipos que causam exclusão. Tal problemática se deve ao fato do idoso ser visto como improdutivo e

¹Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), Especialista em Pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás; Especialista em Informática na Educação pela Universidade Federal de Lavras (UFL) e mestranda no Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagens e Tecnologias, pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). E-mail: marciamendes.polouab.uruacu@gmail.com.

²Mestre em Educação pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e Doutora em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP). Professora da Universidade Estadual de Goiás, Anápolis-GO. E-mail: mirzas@brturbo.com.br.

incapaz, numa realidade capitalista. Porém, novas perspectivas surgem a partir da formação do sujeito idoso que pode ocorrer a partir de uma educação formal e não formal.

Sendo assim, este artigo foi elaborado com o objetivo de compreender a condição do sujeito idoso na sociedade atual e as possibilidades de oferta de formação voltada a esse público específico, cuja história de vida apresenta uma bagagem de conhecimentos e experiências acumuladas ao longo dos anos, mas que não assegura usufruir dos recursos culturais e das tecnologias existentes.

Neste sentido, busca-se responder a seguinte questão: Quais as possibilidades de oferta de formação existentes no universo do idoso, que lhe permitem uma melhor assimilação do conhecimento e assim apropriar-se mais facilmente dos bens culturais e da tecnologia existente?

A relevância do tema se deve ao fato da pesquisa possibilitar melhor compreensão da diversidade da linguagem cultural do idoso como requisito para a efetivação de sua aprendizagem, tanto no cenário educativo formal como informal.

2 ESCOLA FORMAL E NÃO FORMAL

Para compreender os papéis sociais que cumprem a escola formal e não formal deve-se conhecer o que é educação. Busca-se em Brandão (1986), o conceito de que conhecimento adquirido é educação e que pode acontecer em diferentes espaços na sociedade.

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: Educação? Educações. (BRANDÃO, 1986, p. 7).

Percebe-se que não existe uma única forma de educação, nem mesmo uma única maneira de educar. Neste sentido, Libâneo (2002, p.26) contribui definindo educação como: “[...] fenômeno plurifacetado, ocorrendo em muitos lugares, institucionalizado ou não, sob várias modalidades”. Para o autor, a aprendizagem é um processo interno, que é determinada por fatores externos, ou ainda por tentar conciliar o desenvolvimento interno com influências externas. Algumas concepções esclarecem que o processo de aprendizagem decorre a partir do indivíduo o que é referência da concepção naturalista, pragmática e espiritualista.

As concepções naturalistas vêm de fatores biológicos do desenvolvimento do ser humano, que é influenciado por fatores externos vindos da sociedade e da cultura, mas são apenas auxiliares para a manifestação dos fatores internos, a finalidade seria tirar para fora, à tona o que existe na natureza do indivíduo. (LIBÂNEO, 2002, p. 26).

Na concepção naturalista os fatores biológicos influenciados por fatores externos definem a aprendizagem do indivíduo.

As concepções pragmáticas concebem que a educação é um processo imanente ao desenvolvimento humano, do qual é resultado da adaptação do indivíduo ao meio social, assim o conhecimento vem da realidade a partir daquilo que se vivencia em seu meio social, é ele que consegue desenvolver suas funções, ou seja, do desenvolvimento, do crescimento e do ideal. (LIBÂNEO, 2002, p.26).

Na concepção pragmática o aprendizado é concebido como resultado da vivência do seu meio social, resultante da sua adaptação.

As concepções espiritualistas vêm de um processo do qual cada pessoa vai se aperfeiçoando, porém é necessária a adesão das verdades, ensinadas de fora, que dizem como o homem deve ser. Assim cada indivíduo faz seu aperfeiçoamento, assimilando os conhecimentos, aprimorando suas habilidades e seus ideais. Os fatores externos voltam-se para as concepções que formulam formas de educação a partir do meio social que faz o indivíduo desenvolver seus ideais, é o que está de fora que influencia o ser a formular seu aprendizado. (LIBÂNEO, 2002, p.26).

Na concepção espiritualista, cada indivíduo aprimora seus conhecimentos e habilidades a partir do meio social e de seus ideais.

As concepções ambientalistas atribuem que o ambiente é à força da atuação sobre o indivíduo, configurando sua conduta e às exigências da sociedade. A sociedade molda o indivíduo, a partir de tudo que ocorre no ambiente externo, a corrente ambientalista vem do behaviorismo, que expressa o controle externo do ambiente para proporcionar o desenvolvimento esperado, o condicionamento por meio do estímulo que faz a estratégia para o desenvolvimento. (LIBÂNEO, 2002, p.26).

Na concepção ambientalista o meio condiciona o estímulo e a sociedade molda a conduta do indivíduo.

Outras concepções são indicativas que justificam as formas de aprendizagem na educação dos sujeitos.

As concepções interacionista e a culturalista, ocorrem a partir do desenvolvimento biológico e psíquico que por meio da interação entre sujeito e o ambiente, o indivíduo constrói sua aprendizagem, por meio da inter-relação constante, entre fatores externos e internos. A concepção culturalista está voltada na formação de indivíduo mediante a transmissão de bens culturais, que formam forças que se englobam internamente no indivíduo. (LIBÂNEO, 2002, p.26).

Neste aspecto da concepção, o desenvolvimento está atrelado à interação entre sujeito-meio-sujeito-meio, entre realidade dual que constituem a vida e a personalidade do sujeito.

Em várias esferas da sociedade surge a necessidade de disseminação e internalização de saberes e modos de ação (conhecimentos, conceitos, habilidades, hábitos, procedimentos, crenças, atitudes), levando a práticas pedagógicas. Mesmo no âmbito da vida privada, diversas práticas educativas levam inevitavelmente a atividades de cunho pedagógico na cidade, na família, nos pequenos grupos, nas relações de vizinhança. (LIBÂNEO, 2002, p. 27).

Neste sentido, pode-se compreender que a educação formal e não formal são mecanismos educacionais presentes nos diversos espaços sociais. A educação não formal é realizada fora dos espaços do sistema formal de ensino, enquanto a educação informal corresponde às experiências diárias acumuladas pelo sujeito.

3 FORMAÇÃO DO IDOSO

3.1 Pedagogia na formação do idoso

O envelhecimento humano não pode ser apenas considerado pela ótica da cronologia, ou seja, da idade, é necessário também ter uma percepção de vários outros aspectos, dentre os quais se destaca o caráter social acerca da velhice.

A sociedade impõe imperativos de produção, agilidade e modernidade. O idoso, por questões biológicas, pode apresentar algumas limitações ou pequenas dificuldades, isso não significa a incapacidade de realizar tarefas. Porém, na perspectiva social atual, o idoso é considerado como um incômodo, por não atuar na velocidade, e na maneira que os jovens, julgam mais correta ou mais adequada.

Segundo Beauvoir (1990, p. 265): “é a classe dominante que impõe às pessoas idosas seu estatuto; mas o conjunto da população ativa se faz cúmplice dela”.

O envelhecimento populacional representa uma das maiores conquistas desse século. Chegar a uma idade avançada, atualmente, é privilégio de muitas pessoas. Porém, as sociedades não acompanham essas mudanças demográficas, pois valorizam à competitividade, a capacidade para o trabalho, para a independência e para a autonomia funcional para seus grupos (VELOZ; SCHULZE; CAMARGO, 1999).

Como afirma Oliveira (2002, p. 46), “um aspecto marcante é o da ansiedade e impaciência características da sociedade atual. Diante dessa neurose da velocidade, torna-se incompatível e até perda de tempo aceitar um ritmo mais lento por parte dos idosos”.

Neste sentido, torna-se mais cômodo executar uma atividade para oportunizar que o idoso a faça. Numa sociedade globalizada, que prima pelo poder e busca o lucro, o idoso é visto como uma trava no desenvolvimento, sem levar em consideração a contribuição social que deram e dão à produção de bens, serviços e conhecimentos.

Diante dessa realidade, o idoso tem dificuldades de enfrentamento das questões sociais, negando a própria idade, para serem aceitos pelas pessoas mais jovens. Esse comportamento consiste no não enfrentamento da velhice.

Segundo Levy (2002), o impacto de estereótipos negativos para auto percepção levam o idoso a crer que suas possibilidades de ação se esgotam. Assim, manter-se ativo no atual contexto social é um desafio a ser vencido pelo idoso, haja vista que a velhice, nada mais é que uma etapa do processo de desenvolvimento humano.

É preciso compreender que as limitações e dificuldades decorrentes de causas patológicas não são problemas apenas dos idosos, pois crianças, jovens e adultos também podem vivenciá-las.

De acordo com Silva (2003, p. 110), “a condição do velho na atualidade não tem revelado grandes alterações dos tempos remotos”. Apesar de toda a evolução tecnológica e social, muitos problemas persistem referentes ao envelhecimento, pois os idosos permanecem à margem da sociedade.

Segundo Camarano (2004, p. 254), “no Brasil, como em outros países em desenvolvimento, a questão do envelhecimento populacional soma-se a uma ampla lista de questões sociais não resolvidas, tais como a pobreza e a exclusão”.

A velhice é um problema social, o qual não é atual, mas demanda ações emergenciais e organização social que desmistifique os estereótipos acerca do idoso, pois envelhecer é um processo natural. Lima (2000, p. 23):

São pessoas que querem viver mais e viver melhor. Não querem se reconhecer como velho, por que a velhice ainda é associada a decadência física, mental, social, isto é, à doença, à dependência, à fealdade, à senilidade e à proximidade da morte. Diante dessa imagem da velhice, cheia de negatividades e de perdas, os idosos que têm saúde e se sentem participantes da vida, não se consideram velhos tampouco querem se enquadrar neste modelo cruel de velhice, pois pensam esta etapa de vida também como um período de aquisições.

Para que ocorra a superação dos preconceitos é imprescindível que o idoso aceite sua condição e busque no processo educacional amenizar e superar o preconceito. Assim, a educação representa uma possibilidade e oportunidade de ação para que a sociedade adquira uma visão diferenciada sobre o idoso, onde possa conhecer seus direitos e vivenciar novas experiências e conquistas. Lima (2000, p. 45):

A pressão da competição faz com que muitos responsáveis esqueçam a missão de dar a cada ser humano os meios de poder usufruir de todas as suas oportunidades. Então, é necessário retomar a atualizar o conceito de educação ao longo de toda a vida, de modo a conciliar a competição que estimula a cooperação que reforça e solidariedade que une. Por esse motivo, é importante uma reflexão sobre a dimensão da educação permanente para o segmento idoso.

Para Gadotti (1984), a educação tem um papel político fundamental, ela deve desempenhar um papel eminentemente democrático, ser um lugar de encontro, de permanente troca de experiências.

Compreende-se, assim, segundo o autor supracitado que a educação possui um caráter de transformação e vai além da simples transmissão de informações. Conforme Piconez (2002), a educação instrumentaliza crítica e criativamente, tendo em vista a inovação da realidade.

Neste sentido, percebe-se o quanto o processo educativo permite mudanças, independente da idade. Paiva (1985, p. 39), “a educação em qualquer caso, traria o germe da mudança, tornando-se por isso instrumento de realização de utopias”.

Nesse contexto, “os velhos precisam de um espaço de fala que torne possível uma ressignificação de seu eu. Algo que lhes permita relançar o desejo e manter o olhar sobre si” (CASTRO, 2001, p. 68). Sendo assim, a educação é um importante meio de transformação e valorização destas pessoas. Em depoimento de Maria Pellozo Lima, em sua obra: Gerontologia Educacional: Uma nova pedagogia para os idosos e uma nova concepção de velhice, a autora relata:

Assim, como a reforma de meu pensamento, gerada pelos estudos, possibilitou-me traçar novas metas de vida, acredito que a educação permanente também criará estas possibilidades para o idoso que voltar a estudar, exercitar-se num processo de reflexão através de um currículo intencionado para que isto aconteça. Refletir sobre sua inserção no mundo, despertar e ampliar suas potencialidades, traçar novos caminhos, novos projetos, dando assim, um efetivo sentido á sua vida. (LIMA, 2000, p. 15).

Na terceira idade, a educação deve assumir um caráter diferenciado, representando novas possibilidades de aprendizagem, onde o indivíduo possa reestruturar seus conhecimentos para a formação contínua, enquanto ser social. Segundo Valente:

Há uma predisposição para a aprendizagem e esta acontece de modo muito semelhante à aprendizagem do período infantil. Ela é centrada na resolução de problemas ou projetos específicos e de superação de desafios impostos pelo próprio indivíduo. (KACHAR, 2001, p. 31).

Para Freire (2005), a educação cumprirá seu caráter político e social, a partir da criação de espaços de problematizações da realidade com possibilidades dialéticas, com vistas à educação consciente, voltada para a transformação da realidade. LIMA (2000, p. 57):

Essa proposta pedagógica para os idosos deverá ser construída pela ação que dá significado às coisas. Uma ação que num primeiro momento realiza os desejos dos idosos e atende suas necessidades, estabelecendo um movimento que leve os idosos num segundo momento a assimilar os conhecimentos e a

atingir um novo patamar, ampliando sua visão de mundo, e suas possibilidades de inserção.

Seja o processo educativo formal ou não formal, é imprescindível compreender a importância de todas as possibilidades de ensino e aprendizagem. O sujeito idoso, independente de sua idade, tem a capacidade de aprender, a partir da percepção do seu protagonismo, que resultará no respeito no contexto familiar e social.

3.2 Didática e formação dos idosos

Ainda não se tem uma literatura que caracterize como uma pedagogia para a andragogia. Porém, há algumas referências atreladas a estudos da psicologia e a neurologia que defendem práticas cognitivas que sejam estimuladores, primando sempre pela ação da teoria em prática, onde busca - se envolver os sentidos, conhecida como Gerontologia Educacional.

Lima (2000) apresenta uma prática nominada gerontologia educacional, que consiste em uma recriação didática e pedagógica na perspectiva de resignificar a vida do idoso.

Os mecanismos da gerontologia educacional requer uma pedagogia específica para garantir a reforma do pensamento: é necessário diferenciar o ensino, possibilitando que cada idoso aprendiz vivencie tão frequentemente quanto possível, situações fecundas de aprendizagens, para conseguir que eles tenham acesso a essa cultura e dela se apropriem, colocando – os diante de situações ótimas de aprendizagem; para que os idosos desenvolvam pensamentos não só para sobreviverem, mas, sobretudo, para conquistar, com autonomia, melhor qualidade de vida. (LIMA, 2000, p.143).

A dimensão política é apontada como um dos pilares para essa nova visão, o olhar para o idoso, onde Lima (1999, p. 51) aponta para uma nova construção “nos anos de 1970, se desenvolveram várias políticas setoriais de alcance nacional, expressa em instituições e planos como exemplo, a FUNARTE – Fundação Nacional de Artes – e o PCN – Plano Nacional de Cultura”.

É importante destacar ainda o Estatuto do Idoso, como um ganho para assegurar os direitos dos idosos e trazer a discussão para a sociedade de seu valor, enquanto sujeito social.

É comum conceber a imagem do idoso ligado a associações, compreendia-se que a palavra velho esteve ligada ao potencial do humano, ficou ligada à incapacidade para o

trabalho e produção, o velho pobre, após a adoção de políticas sociais, agora associada a aposentadoria; uma pequena mudança pode ser percebida.

Recentemente, um novo olhar ao idoso, surge através das novas descobertas científicas sobre sua imagem. Lima (1999) compreende sobre isso que:

[...] a terceira idade é um código: de comportamento, de expressões corporais e, sobretudo de expressões de subjetividade, através da qual as experiências de envelhecimento podem ser partilhadas e negociadas, em um contexto marcado ao mesmo tempo de um discurso científico sobre a velhice, e por mudanças na forma de como os indivíduos, ao viver sua experiência de envelhecer, negociam com imagens estereotipadas da velhice. (LIMA, 1999, p. 03).

Sendo assim, essa nova imagem atribuída ao idoso que se beneficia das novas descobertas científicas, entre elas citamos o cérebro, que até meados dos anos de 1990, acreditava-se que ele não desenvolvia novas células. Novas descobertas levaram a neurologistas descobrirem que o cérebro, mesmo em áreas danificadas pode produzir novas células cerebrais por toda a vida.

Lima (2000) afirma que as pesquisas mais recentes constataram que o cérebro ao ser estimulado, especialmente através de convívios sociais e trocas entre grupos sociais, acontece o que os cientistas chamam de “regeneração do cérebro”, com isso surge novos significados sobre velhice e tem ganhado consistência na sociedade atual.

O termo terceira idade indicado para pessoas idosas surgiu na França, em 1960, para expressar um novo paradigma de velhice, onde os aposentados poderiam viver ativamente, indicando o lazer, autonomia e auto satisfação como característica do sujeito que está vivendo essa construção. Concomitante, surge em meados de 1930 uma nova ciência, a gerontologia, que tem como objeto o processo de envelhecimento numa perspectiva interdisciplinar, numa abordagem multiprofissional.

A gerontologia ocupa lugar de destaque entre as várias disciplinas científicas, beneficiando-se e sendo beneficiada pelo intercâmbio de ideias e dados, num campo de natureza multi e interdisciplinar, ancorado pela biologia e pela medicina, pelas ciências sociais e pela psicologia. Ainda defende que existe uma cooperação de várias ciências a favor de um objeto comum: o processo de envelhecimento. (CACHIONI, 2002, p. 01).

Nesse contexto, a gerontologia se desenvolve e conforme esclarece Lima (2000), a gerontologia educacional, que compreende a educação destinada a idosos, atende a formação

de recursos humanos para atuar com idosos; interfere na sociedade na busca de mudanças relativas à concepção de envelhecimento e do idoso.

Lima (2000, p. 140) afirma que:

É necessária para a terceira idade, uma educação que crie espaços para discussões, trabalhos em conjunto, alunos e profissionais, implicados na saúde, nutrição, aspecto psicológico, cognitivo, corporal, emocional para garantir o desenvolvimento do homem como um todo.

No intuito de melhorar as possibilidades de desenvolvimento dos sujeitos da terceira idade – o idoso – busca-se compreender as possibilidades do processo de sensibilização ao idoso para a compreensão da evolução tecnológica atrelada metodologicamente aos acervos da história e da arte, como possibilidade mais concreta e sensorial.

Já Libâneo (1990, *apud* PIMENTA; ANASTASIOU, 2010) enxerga na relação entre ensino e aprendizagem o elemento que possibilita a constituição da teoria didática e da orientação segura para a prática docente, destacando suas dimensões: a política, pois o ensino enquanto prática social favorece transformações; a científica porque deve revelar as leis gerais e as condições concretas em que se manifestam; e a técnica enquanto orientações da prática em situações concretas e específicas. Nessa relação entre o ensinar da docência e o aprender do aluno, o autor aponta como ações docentes a explicitação de objetivos, a organização e seleção de conteúdos, a compreensão do nível cognitivo do aluno, a definição metodológica dos meios e fins, demonstrando que o ato de ensinar não se resume ao momento da aula.

Neste contexto, a interdisciplinaridade aparece como o caminho mais adequado para aproximar uma educação que atenda a terceira idade, uma vez que se trata de um processo de reorganização das estruturas pedagógicas, onde ocorre a interação entre as disciplinas, com a integração mútua dos conceitos e da epistemologia, tendo como objetivo a unidade do saber.

De acordo com Severino (1989), na interdisciplinaridade busca-se a substituição de uma ciência fragmentada por uma ciência unificada, com repercussões no ensino, na pesquisa e na extensão.

Sendo assim, a interdisciplinaridade deve ser a base da educação permanente dos idosos, haja vista que são pessoas que possuem uma história de vida pessoal e uma bagagem de conhecimentos acumulada ao longo dos anos que devem ser aproveitadas e potencializadas no processo de formação e aprendizagem. Ou seja, na formação do idoso, a educação formal deve centrar-se na busca de novas metodologias e locais de aprendizagem diferentes dos da escola tradicional.

Segundo Association for Gerontology in Higher Education (2000), modificar objetivos, conteúdos e métodos de acordo com as necessidades dos idosos e da sociedade que envelhece deve ser a proposta da educação dirigida aos idosos, inserida numa perspectiva de educação permanente. A interdisciplinaridade deve ser igualmente, o fio condutor da formação de recursos humanos no campo, entre eles os professores de universidades da terceira idade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A velhice representa uma etapa de vida onde o sujeito se sente excluído e marginalizado na sociedade atual. Contudo, essa visão não deve ser generalizada, indicando novas possibilidades de um sujeito tornar-se ativo e protagonista de sua própria condição como idoso.

As possibilidades de mudanças no contexto do idoso perpassam, primeiramente, pela aceitação e reconhecimento de si mesmo. Sendo assim, a continuidade de formação, tanto nos espaços formais como informais, torna-se imprescindível.

Com isso, mediante o estudo realizado sobre o universo do idoso compreende-se que o processo de formação acontece de acordo com as necessidades políticas e sociais. Na condição de um novo grupo social que se apresentam a partir do século XX, novos paradigmas emergem tanto no campo econômico, familiar, social e educacional para atender o idoso.

Estudos realizados no campo da medicina clínica, na gerontologia comprovam o potencial possível do sujeito idoso na continuidade para a formação, contradizendo, o preconceito de que o sujeito idoso é improdutivo e incapaz de construir novas aprendizagens.

Apesar de poucos estudos da didática em relação ao idoso, compreende-se a existência de especificidades no atendimento pedagógico ao idoso que se difere da criança, do jovem e do adulto.

Tem-se o entendimento de que a didática deve ampliar seu olhar com vistas a historicidade e a necessidade de aprendizagem deste público específico. Primando por uma metodologia interdisciplinar que envolva prioritariamente todos os sentidos, como possibilidade de favorecer a assimilação do conhecimento e a apropriação dos recursos culturais e tecnológicos, em todos os segmentos sociais.

REFERÊNCIAS

ASSOCIATION FOR GERONTOLOGY IN HIGHER EDUCATION (AGHE). **Directory of Educational Programs in Gerontology and Geriatrics**. Washington, DC, 2000.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2 ed., 1990.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação Popular**. São Paulo: Brasiliense, 3 ed., 1986.

CACHIONI, Meire. **Formação Profissional, motivos e crenças relativas à velhice e ao desenvolvimento pessoal entre professores da Universidade da Terceira Idade**. 2002. (Tese). Campinas-SP. Universidade Estadual de Campinas, 2002. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000297483>. Acesso em: 15 de julho de 2014.

CAMARANO, Ana Amélia. **Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?** Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

CASTRO, Odair Perugine de. **Envelhecer: um encontro inesperado?** Sapucaia do Sul: Notadez, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda – **Dicionário Aurélio Ilustrado**. Curitiba: Positivo, 2010. 560p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GADOTTI, Moacir. **A educação contra a educação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

LEVY, Becca et al. Longevity increased by positive self-perceptions of aging. **Journal of personality and social psychology**. Washington, v. 82, n. 2, 2002, p. 261-270. Disponível em: <http://www.apa.org/pubs/journals/releases/psp-832261.pdf>. Acesso em: 10 de janeiro de 2015.

LIBÂNEO, José Carlos. **Os significados da educação, modalidades de prática educativa e a organização do sistema educacional. Pedagogia e pedagogos para quê?** São Paulo: 5 ed., Cortez, 2002.

LIMA, Mariúza Pelloso. **Gerontologia educacional: Uma pedagogia específica para idosos uma nova concepção de velhice**. São Paulo: LTr, 2000. 152p.

LIMA, Mariúza Pelloso. **Reformas Paradigmáticas na Velhice do Século XXI**. In: NERI, Anita, DEBERT, Guita. (orgs). **Velhice e Sociedade**. Campinas: Papirus, 1999.

OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva. **Velhice: teorias, conceitos e preconceitos. A terceira idade**. São Paulo, v.12, n. 25, p. 37-52, Ago. 2002. Disponível em: http://www.sescsp.org.br/online/artigo/8294_VELHICE+TEORIAS+CONCEITOS+E+PRECONEITOS#/tagcloud=lista. Acesso em: 10 de janeiro de 2014.

PAIVA, Vanilda. **Síntese: Revista de Filosofia**. Educação Permanente: ideologia educativa ou necessidade econômico-social? Belo Horizonte, v.4, n.9, 1977, p.1-31. Disponível em: <http://faje.edu.br/periodicos2/index.php/Sintese/article/view/2406/2669>. Acesso em: 10 de janeiro de 2014.

PICONEZ, Stela Bertholdo. **Educação escolar de jovens e adultos**. Campinas: Papyrus, 2002.

PIMENTA, Selma Garrido, ANASTASIOU; Léa das Graças Camargos. **Docência no ensino superior**. 4. ed., São Paulo: Cortez, 2010.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Subsídios para uma reflexão sobre novos caminhos da interdisciplinaridade**. In: SÁ, Jeanete Martins de (org.) Serviço social e interdisciplinaridade: dos fundamentos filosóficos à prática interdisciplinar no ensino, pesquisa e extensão. São Paulo: Cortez, 1989. p. 11–21.

SILVA, Janaina Carvalho. Velhos ou idosos. A terceira idade. São Paulo, v. 14, n. 26, p. 94-111. Jan. 2003. Disponível em: http://www.secsp.org.br/files/edicao_revista/c5ad9074-1094-4666-a8a6-fb15240f5ec9.pdf. Acesso em: 10 de janeiro de 2014.

VELOZ, Maria Cristina Trigueiro; SCHULZE, Clélia Maria Nascimento; CAMARGO, Brígido Vizeu. **Psicologia Reflexão e Crítica**. Representações sociais do envelhecimento. Porto Alegre, v. 12, n. 2, 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721999000200015. Acesso em: 10 de janeiro de 2014.